

O DIA EM QUE APRENDI A SER PSICÓLOGA



1979, último ano da faculdade de Psicologia. Precisava tomar pé do mundo “lá fora”, melhorar minhas chances de conseguir trabalho na profissão que escolhera ainda no ginásio (hoje Ensino Fundamental II). Sair da bolha acadêmica, ver a profissão fora dela, limpar ranços. Ia me formar!

Conheci uma psicóloga de um Centro de Saúde reconhecido pela boa qualidade dos atendimentos. Pedi para ser sua estagiária voluntária e fui aceita. Ela me passaria casos para psicodiagnóstico e me daria supervisão.

Animada, recebi um menino que ia mal na escola. Tinha uns nove anos, acho. Ou seriam sete? Não me lembro dele... Busco sua imagem, uma impressão, uma marca qualquer e não vem nada à memória... É como se nunca o houvesse visto ou estado com ele. Foi meu primeiro “paciente” fora da faculdade, então deveria lembrar-me de algo...

Mas recordo-me bem do que fiz com ele. Como aprendi na faculdade e fui orientada pela supervisora, apliquei-lhe uma bateria de testes: o WISC, o Raven, HTP, CAT, Bender e, como ele tinha problemas na alfabetização, o Columbia. Caprichei nas aplicações e, empolgada, debruicei-me dedicadamente sobre o material colhido. Apliquei gabaritos e calculei pontuações com cuidado, elaborei relatórios minuciosos. Procurei ser a melhor psicóloga possível. Fui parabenizada pela minha supervisora por esse trabalho.

Percebo, agora, que minha relação forte foi com os testes e com o que, por meio deles, extraí desse menino de quem não me lembro...

Contas e análises feitas, a conclusão diagnóstica era Deficiência Mental Leve. Juntas, a psicóloga e eu preparamos a entrevista devolutiva com a mãe, para comunicar o resultado e dar as orientações pertinentes. Eu lhe diria que seu filho teria sempre limitações pela vida, embora com um bom grau de autonomia. Mas que nem ela, nem ninguém, esperasse muito dele, pois seria exigir mais do que ele tinha para dar e isso o faria sofrer sem nada adiantar.

Essa preparação foi feita com tranquilidade, como se fosse comunicar a alguém que o grãozinho que trouxera para ser examinado era milho de pipoca. Aquecendo do jeito certo, ele estouraria e viraria um floquinho comestível. Bem, na verdade, esse não é um bom paralelo, pois essa narrativa poderia trazer um sentimento de encanto com a pipoca e seus poderes mágicos. E o único encanto que havia, nessa reunião preparatória, era o que envolve uma mestra experiente e sua aprendiz dedicada ao realizarem um exercício formativo. O que nos emocionava era ler e interpretar juntas o material, planejando com correção os procedimentos que ele indicava. Tudo muito técnico.

Percebo, agora, que nossa relação forte era com a interpretação fria e o planejamento de ações a partir do material que eu conseguira. Mas onde estava, quem era esse menino? E sua mãe?

Momento da entrevista devolutiva. Entra a mãe na “minha” sala. Cumprimento e faço o discurso preparado, meio como aqueles guias de turismo que decoram o que têm de falar sobre cada monumento histórico que apresentam. Queria ser boa psicóloga e, portanto, ser objetiva e concisa em minha comunicação.

Percebo, agora, que minha relação forte era com o que planejara mostrar e dizer, meu roteiro, sem espaço para o que pudesse vir de quem ia me ouvir.

Estava diante de mim um objeto de cena. Devolutiva “é” assim: um semovente entra, senta-se na cadeira em frente à psicóloga, e esta é a deixa para ela dizer sua fala.

O objeto deveria ficar ouvindo minhas informações e orientações. Escutar, compenetrado, que, baseada em cuidadoso e documentado trabalho, usando instrumentos científicos sofisticados, eu descobrira que aquele grãozinho era um milho de pipoca. Aprender sobre como ele iria estourar e virar um floquinho comestível. Ouvir que, com um salzinho, ficaria mais gostoso, menos insosso.

À medida em que eu desempenhava meu papel, dava meu texto, o objeto de cena começa uma inesperada metamorfose. Sua face torna-se expressiva, contrai-se, seu olhar enche-se de dor, horror, desespero e lágrimas. Seu corpo torna-se tenso, acompanhando seu semblante. Tanto me sendo dito, mas não com palavras. Atônita diante da interrupção do meu texto, emudeço também.

O objeto rompera o *script*, o roteiro!

Sua metamorfose completa-se e ele torna-se pessoa. Uma mulher a quem fiz sofrer imensuravelmente. Uma mãe que exasperei, como se eu tivesse jogado seu filho em um abismo, sem que ela pudesse fazer um gesto para conter a queda. O que fiz, o que fiz?

Percebo, agora, que finalmente apareceu um rosto em minha memória.

Surgiu o semblante de uma mulher miúda, de longos cabelos negros, espessos e lisos. Pele morena, provavelmente de origem indígena. Sem adereços, trajando um vestido sem estampas. Uns trinta e poucos anos.

Perdão, perdão, perdão... Onde você está agora? O que aconteceu com seu filho depois dessa cena? Você acreditou em mim? Queria te contar que, hoje, não sei se acredito no que te disse naquele dia. Será que ele era deficiente mesmo? Não sei... Trabalhei tanto com esses testes e vi tantas crianças que, quando brincava com elas, quando estavam à vontade comigo, quando ficava sabendo o que faziam bem em outros lugares, me mostravam o quanto os testes podem errar... Tantos psicólogos e estudantes de psicologia a quem orientei viram o mesmo...

Queria te dizer que, ainda que ele estivesse com uma deficiência intelectual naquele momento, que nem você e nem ninguém nunca deixasse de apostar nele: falta de aposta, como a que a minha fala incentivou, mata. E, ainda, que ele poderia mudar – há muitas histórias assim.

Naquele dia, você me ensinou a ser psicóloga.

Psicologia, ciência e profissão do tempo da delicadeza. Para além dos autores na área, aprendo com o poeta Manoel de Barros: entender o valor das miudezas, das insignificâncias, das incompletudes. Do meio, do incoerente, das sutilezas. Não é só isso, mas como acolher, compreender e ajudar pessoas sem instaurar um tempo assim, quando nos relacionamos com elas?

Muitas vezes, ter uma atividade ou objetos intermediando essa relação ajuda. Para além das palavras, o silêncio, os olhares, os gestos, os desenhos... São tantas linguagens... Em tudo, a essencialidade do contato pessoal e humano, da presença inteira. Salto no escuro, pois pessoas e situações são sempre únicas. É preciso disponibilidade para perder o controle, para haver-se com o inesperado e com a potência daquele ou daqueles com quem estamos nos encontrando.

Avançamos na direção inversa. A atitude distante supostamente científica, o uso de testes padronizados (como se gentes fossem padronizadas), as listas prontas de comportamentos a serem observados com frieza para fazer um diagnóstico que tanto pode prejudicar a percepção das miudezas, modos únicos de ser, viver e aprender, tudo isso tem crescido exponencialmente entre psicólogos e também entre outros profissionais e pessoas em geral. A internet fornece testes, inventários de comportamento e diagnósticos em profusão e ao alcance da ponta dos dedos. As farmácias agradecem.